

## **EDUCAÇÃO PARA CRIATIVIDADE<sup>1</sup>**

**Aline Cristina Riffel<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Os sujeitos altamente criativos estão sendo muito bem reconhecidos na sociedade atual, é possível pensar em “desenvolver a criatividade” no ser humano? Qual o papel da educação neste processo?

<sup>2</sup> Psicóloga graduada pela UNIJUI - Ênfase em Psicologia e Processos Educacionais e Psicologia e Processos Organizacionais e do Trabalho.

Pedagoga graduada pela UFSM - UAB Pólo Três de Maio, e-mail: alineriffel05@gmail.com.

### **INTRODUÇÃO**

A criatividade é o resultado da “interação do sujeito com o meio”. É possível também a compreensão de que todas as características psíquicas do ser humano são o resultado da sua interação com o meio, pois somos seres que eminentemente necessitamos do social para existir.

A educação é, evidentemente, o caminho para todo e qualquer desenvolvimento. Mas o tipo de educação que recebemos e oferecemos nos dias de hoje é efetiva quando o assunto é criatividade? É a esta discussão que a presente pesquisa se dedica, entender a relação entre a educação e o desenvolvimento da criatividade.

### **METODOLOGIA**

A partir das definições de alguns pesquisadores que dedicam suas obras ao tema da criatividade, busca-se através de uma pesquisa bibliográfica entender a relação entre as formas de educação e o as possibilidades do desenvolvimento e/ou ampliação da criatividade humana.

### **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

É no social que nos estabelecemos como sujeitos, mas não apenas no simples fato de conviver com outros, mas por estabelecer conexões através da principal ferramenta de organização do social, a linguagem. Essa, possibilita as relações humanas, e conseqüentemente a formação e o desenvolvimento das funções psicológicas.

Zaniuchi (2004) parafraseando Vygotsky (2000), afirma que é através da imitação que a criança estabelece as relações com o social e consegue iniciar o processo de denominar coisas, objetos, sensações, enfim apropriar-se da linguagem.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XXII Seminário de Iniciação Científica

“A imitação é um ato comunicativo que tem a premissa básica de seu significado ser o mesmo para quem o emite e para quem o recebe, se não, não há comunicação. E, é aí, que a imitação tem papel importante no processo de mediação entre o sujeito e seu ambiente, pois quando alguém imita, repete a atitude de seus pares (quer seja essa atitude oral, gestual ou postural), ocorre uma sintonia entre os dois, uma espécie de comunicação primitiva, um laço inicial. Quando uma criança imita um adulto, pondera Vygotsky (2000), ela pode estar apreendendo o comportamento desse adulto a ponto de reproduzi-lo.” (ZANIUCHI, 2004, p. 3)

Nesta perspectiva todos os ambientes em que o sujeito circula são determinantes em seu desenvolvimento, principalmente no que diz respeito às questões da criatividade. Esses ambientes sociais, em uma perspectiva macro são três: a família, a escola e o trabalho. O papel de cada um, sua importância e características fundamentais para que a criatividade possa ser expressa, conforme Lubart (2007), que apresenta um importante estudo sobre estes três grandes grupos, revela que o ambiente é determinante no desenvolvimento da criatividade. Dedicamo-nos a pensar a perspectiva do ambiente escolar.

Lubart, ao citar Baumrind (1991), afirma que há uma significativa relação entre as diferentes concepções de escola no que tange às possíveis relações com a criatividade. Cada uma delas, com maiores ou menores possibilidades de proporcionar o desenvolvimento da criatividade pelo aluno. A escola prepara a criança para o mundo do trabalho, e é por este motivo que se transforma ao longo do tempo, na medida em que também o trabalho e as demandas sociais vão se alterando. E, desse modo o autor citado:

Descreveu os estilos educativos levando em consideração duas dimensões: uma, que se reporta ao caráter mais ou menos autoritário decorrente da atitude direta dos pais (seu nível de exigência e utilização de punições) e outra referente ao traço de valorização da criança (aceitação de sua opinião, de sua individualidade e de sua autonomia). (p. 78)

Podemos pensar a partir desses estudos, que há características da escola que dificultam o desenvolvimento da criatividade e outras concepções que ampliam o potencial criativo. Começemos refletindo sobre esses modelos e papéis identificados nas escolas. Temos então o que:

“Vários estudos empíricos tem mostrado que os professores podem ter uma concepção particular do aluno ideal, valorizando a obediência e o conformismo, em detrimento de traços como a curiosidade ou a independência. [...] Além disso, as escolas tradicionais têm tendência à valorização uma situação escolar gerada por regras relativamente fixas (para manter a ordem). [...] Essa atitude visando a evitar os riscos [...] vai contra os traços implicados na criatividade.” (Lubart, 2007, p. 79)

Sob esta perspectiva, o professor que está inteiramente preocupado com o conhecimento, com a transmissão de informações, acaba por reconhecer aquele aluno que decora, apresenta um comportamento tranquilo, pouco questionador e submisso. Essas características são contrárias ao desenvolvimento da criatividade, mas que se parecem apresentar como necessárias em muitos postos de trabalho, o que garante a continuidade desse processo de formação. Afinal, a educação

funciona conforme o modelo produtivo vigente. Segundo Lubart (2007), o aluno ideal para este modelo de educação é:

“honesto, espirituoso, respeitoso, participativo no meio familiar, seguro e bom camarada, [...] aplicação, sinceridade, obediência, cortesia, consideração, confiança e saúde, [...] tranquilidade, atitudes conformistas em detrimento da provocação intelectual.” (p. 80)

No entanto, hoje há uma demanda cada vez maior de profissionais criativos. Estes, em geral, não serão funcionários, pois a submissão não é uma característica que lhes convém. Mesmo que alguns a adotem por questões, geralmente econômicas; os estudos apontam uma série de características necessárias ao professor que deseja favorecer o desenvolvimento da criatividade em seus alunos, Lubart aponta as características relacionadas por Copley (1997) acerca desses professores:

“encorajavam a aprendizagem independente, desenvolviam um ensino em cooperação, motivavam os estudantes a aprender os fatos a fim de adquirir as bases sólidas para o pensamento divergente, encorajavam o pensamento flexível, evitavam julgar as ideias dos estudantes antes que elas não tivessem sido consideradas, favoreciam a auto-avaliação das ideias, ouviam seriamente as questões e sugestões dos estudantes, ofereciam as oportunidades de trabalho com uma grande diversidade de material e de condições variadas, ajudavam os estudantes a ultrapassar frustrações e o malogro de modo que tivessem a coragem de prosseguir em direção a novas ideias.” (p. 80)

Para garantir o desenvolvimento de sujeitos criativos, quem sabe necessitemos de professores facilitadores; que visem a contradição e a sabedoria, o conhecer em detrimento do reconhecer, o aprendizado através das vivências e a construção de um conhecimento científico a partir do interesse e do potencial inventivo das crianças. Isso não é visto de forma simples. É algo minimamente desafiador. Demanda que, os próprios professores tenham um alto nível de criatividade, além da total confiança em seu trabalho. Professores capazes de aceitar os questionamentos e até os enfrentamentos que possam vir a surgir dos alunos, independente de sua idade e nível de escolaridade.

A educação para criatividade requer muito estudo e dedicação, afinal a construção do conhecimento, e o desenvolvimento dessas habilidades demandam exploração, imaginação, manuseio, e até uma “bagunça”. Requer que se explorem as capacidades intelectuais, lógicas, afetivas e imaginárias da criança. E é nesta perspectiva que nos deparamos com algo que, no dizer de Vygotsky, citado por Zanluchi (2004), é fundamental para garantir o exercício da criatividade: a imaginação;

a ação da esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das invenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. (p. 9)

Mesmo que a escola se apresente em muitos momentos quase que como um “freio considerável à criatividade” como afirma Lubart, ainda é um dos espaços em que seu desenvolvimento acontece de forma extremamente significativa. É nela, que a criança aprende a

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XXII Seminário de Iniciação Científica

conviver com um social não tão protetor quanto o familiar e que pode ser ao mesmo tempo desafiador e frustrante à criança. Esses são também, elementos constitutivos do potencial criativo, pelo simples fato de exigir que se construam alternativas para lidar com a frustração e com os problemas do mundo.

### CONCLUSÕES

Esses estudos apontam a importância de possibilitarmos ao sujeito desafios que estimulem a criatividade. Criar barreiras, propor desafios, oferecendo-lhes estrutura para que possam buscar as respostas e elaborar novas possibilidades de reinventar, de recriar, o social e tudo que este demanda. Enquanto profissionais que atuam junto a todo tipo de educadores, sejam eles pais, professores, familiares, entre outros. Talvez se faça necessária à reflexão a cerca da posição, do lugar da atuação dessas pessoas em busca da formação de sujeitos capazes de exercer sua autonomia e expor suas ideias. O professor, por exemplo, pode ser levado a colocar-se neste lugar, ativo ou passivo na construção de um saber inovador, ou permanecer na comodidade de uma posição meramente tecnicista. Perceber que a constante avaliação de sua prática, de suas limitações, e a permanente busca por novos conhecimentos, é fundamental para que jamais percamos esta habilidade de inovar, de criar.

**PALAVRAS CHAVE:** criatividade – educação – desenvolvimento – limites – liberdade.

### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUBART, Todd. Psicologia da Criatividade. / Todd Lubart; tradução Márcia Conceição Machado Moraes. – Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZANLUCHI, Fernando Barroso. Desenvolvimento da Capacidade Criativa, Atividade Lúdica e Educação. Resumo Dissertação de Mestrado. Orientadora PALAGANA, Isilda Campaner. PR. Universidade Estadual de Maringá, 2004.